

A forma CÊ e a noção de gramaticalização

Lorenzo Vitral
Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

The aim of this paper is to provide an analysis for the complementary distribution between the Brazilian forms **você** and **cê** ("you"). I argue that **cê** is a clitic and constitutes a step in the grammaticalization process of the form **Vossa Mercê**.

1. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

A noção de gramaticalização, estabelecida por Meillet em (1958) ao retomar idéias de Humboldt desenvolvidas por indo-europeístas (ver Hopper & Traugott (1993), Lehmann (1982), Heine, Hünnemeyer & Claudi (1991), Castilho (1995)), tem sido retomada nestes últimos anos e utilizada, com muito proveito, na análise de fenômenos de linguagem.

Esta noção pode ser definida “como a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional: Kurylowicz 1965, apud Lehmann 1982” (Castilho (1995:3). A Gramaticalização é, então, a mudança de estatuto de um termo da língua: ao perder “significado”, um item lexical passa a ter uma função gramatical.

Hopper & Traugott (1993:2) discutem, entre muitos outros, o exemplo do verbo inglês **to go**. Como se sabe, há um verbo **to go** que é um verbo de moção e outro que funciona como auxiliar. Historicamente, o verbo auxiliar deriva do verbo de moção. Pode-se dizer, então, que houve gramaticalização: o verbo de moção passou a desempenhar a função de auxiliar.

A gramaticalização não ocorre de maneira abrupta, isto é, a mudança de estatuto de um item lexical tem lugar através de transições graduais que, de acordo com Hopper & Traugott (1993), tendem a suceder, nas línguas, de forma similar.¹ Os autores que trabalham com a noção de gramaticalização parecem concordar com a possibilidade de se destacar as seguintes etapas deste processo:

- (1) item com significado lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional.

Neste artigo, pretende-se examinar, através da noção de gramaticalização, o estatuto do item **cê** do português atual. Sabe-se que o pronome **você** se origina da forma de tratamento **Vossa Mercê**, tendo havido um estágio intermediário – **Vosmecê** – que foi abandonado (ver Mattoso Câmara Jr. (1979:94), Gonçalves (1987)). Os seguintes estágios teriam sido manifestados:

- (2) Vossa Mercê > Vosmecê > você.

Parece pertinente supor que estes estágios manifestam um processo de gramaticalização, já que um Nome, contendo propriedades conotativas, passou a desempenhar uma função de pronome, perdendo estas propriedades e mantendo apenas um conjunto de traços-phi (=pronominais; ver Chomsky (1981:330)). Nos termos da Gramática Gerativa, um Nome, que é núcleo da categoria lexical NP ('Noun Phrase'), teria passado a funcionar como núcleo de uma categoria funcional DP ('Determiner Phrase').

Este processo, no entanto, parece estar em curso. O português atual dispõe ainda das formas **cê** e **ocê** (que são bastante usuais no falar mineiro). A distribuição destas três formas – **você**, **ocê** e **cê** – não é idêntica. E é com base no comportamento sintático delas que vamos propor estar havendo um processo de cliticização.

2. A DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS VOCÊ, OCÊ E CÊ:

Observem-se os seguintes exemplos (de Dutra (1991)):

Posição sujeito:

- (3) (V)ocê me telefonou ontem.

Cê

Posição objeto:

- (4) Eu amo (v)ocê.

***cê**

Pós-verbal:

- (5) a. Eu fui o culpado.
(V)ocê foi
Cê
- b. Fui eu o culpado.
Foi (v)ocê
* cê
- (6) a. Aí (v)ocê chega pra mim ontem e diz...
cê
ele
- b. Aí chega (v)ocê pra mim ontem e diz...
* cê
ele
- (7) Lá vem ele com mentiras.
(v)ocê
* cê

Preposto:

- (8) (V)ocê ele não viu.
* Cê

Recebendo ênfase ou foco:

- (9) Só (v)ocê tava mentindo.
* cê
- (10) Até (v)ocê podia subir.
* cê
- (11) - Quem vai sair?
- (V)ocê
* Cê

Pode-se acrescentar a este conjunto de dados o ambiente objeto de preposição:

- (12) Eu falei pra você...
pr'ocê
* pra cê

As frases acima nos mostram a existência de uma distribuição complementar: a forma **cê** não pode ocorrer nos ambientes em que **você** e **ocê** ocorrem.

A questão que se coloca então é saber que hipótese pode explicar o contraste entre essas formas. Tanto **você** e **ocê** quanto **cê** são pronomes, o que significa terem os mesmos traços. Entretanto, alguma diferença há, uma vez que o comportamento sintático de **cê** é distinto.

Vou propor a hipótese segundo a qual a forma **cê** constitui uma etapa do processo de gramaticalização da forma **Vossa Mercê**. Trata-se da etapa da cliticização apontada em (1). Assim, tem-se:

(13) item com significado lexical: **Vossa Mercê** > item gramatical: **você** > clítico: **cê** > afixo flexional.

A forma **Vosmecê** seria considerada um estágio intermediário entre a primeira e a segunda etapas acima e **ocê** pode ser tomado como uma forma intermediária entre a segunda e a terceira.¹

3. A CLITICIZAÇÃO DO CÊ

Vamos agora voltar aos dados (3-12) e examinar como nossa hipótese os pode explicar.

O contraste entre (3), (5a), (6a), por um lado, e (4), (5b), (6b) e (7), por outro, pode ser tratado se considerarmos que, (a) **cê** é um clítico e que (b) em frases simples, o português brasileiro falado, diferentemente do que ocorre no português europeu, apresenta o clítico sempre anteposto ao verbo (ver, entre outros, Said Ali (1950), Duarte (1986), Rouveret (1989), Galves (1990), Pagotto (1993), Kato (1994)). Pode-se dizer que “todos os casos de ênclise produzidos pelos aprendizes são produtos do contacto com a escrita ou da intervenção da escola” (Kato (1994:13)), ou seja, quando usa a ênclise, o falante se encontra em um registro lingüístico diferente daquele no qual a forma **cê** é corrente.

A má-formação de uma frase como ***Eu vi cê** se deve, então, à impossibilidade de ênclise na gramática do português brasileiro falado. Neste dialeto, entretanto a seqüência **V + Cê** é bem-formada no seguinte contexto:

(14) Vou fazer cê feliz.

(14) mostra que não é simplesmente a ordem **V + Cê** que, por alguma razão, não pode ocorrer na gramática do português falado, ou seja, parece ser necessário relacionar, como ficará mais claro adiante, a não ocorrência da ênclise no dialeto que estamos analisando com a distribuição complementar **cê/ocê-você** apontada na seção (2). Não se vai aqui discutir a razão da impossibilidade da ênclise. Alguns dos autores citados no parágrafo anterior têm procurado relacionar esta impossibilidade à posição do verbo na sintaxe visível, isto é, no nível da Forma Fonológica.

Nossa hipótese acarreta três problemas:

- (i) Estudos quantitativos mostram que a frequência de clíticos está em queda no português brasileiro falado (ver Tarallo (1983), Kato (1994), Pagotto (1993), Cyrino (1993)).
- (ii) Em frases como **Cê foi o culpado**, teríamos um clítico em início de sentença, fenômeno este que é restrito a certos contextos.
- (iii) Nossa hipótese prevê a boa-formação de frases tais que **José cê viu**, com próclise. Essa sentença é, entretanto, rejeitada pelos falantes.

Com relação à (i), Nunes (1991) mostra que a inserção do clítico **se** indeterminador estaria em expansão no português brasileiro, sendo o **se**, como propõe Cinque (1988) para o italiano, associado a um **pro** na posição sujeito. Note-se que **cê**, assim como **se**, pode ser usado como um marcador de indeterminação do sujeito. Além disso, é importante ressaltar que é a frequência de clíticos acusativos que estaria em queda acelerada no português brasileiro falado.

No que concerne à (ii), pode-se supor que a ocorrência da forma **cê** em início de frase pode estar associada a uma tendência de realização fonética do constituinte interpretado como sujeito, tendência essa também apontada por estudos quantitativos (ver, Tarallo (1983), Duarte (1995)).

Por outro lado, o lugar da negação nos mostra que a estrutura com **cê** preverbal não é idêntica à de **se**:

- (15) a. Não se diz muita bobagem por aí.
b. **Cê** não viu a Maria no cinema.

A oração (15b) não é incompatível com nossa hipótese da cliticização de **cê** sujeito. Pode-se imaginar que, ao se movimentar da posição sujeito interna ao VP, **cê** se aloca na posição de adjunção a T na qual se encontra a negação. Esta análise corrobora a previsão de Chomsky (1994:402) de que o clítico tem o estatuto de projeção máxima, quando se encontra em sua posição temática, e também o estatuto de núcleo, quando adjunge a um núcleo funcional. A indistinção entre as posições de adjunção e de especificador, defendida por Kayne (1993), é também adotada em nossa análise: a checagem de traços que se passa entre T e o sujeito é legítima mesmo quando há adjunção do sujeito a T (ver Chomsky (1995: sec.10.1)).

Já na estrutura (15a), de acordo com Cinque (1988:534) para o italiano, **se** (=si) é gerado no núcleo T (ou I). Esta partícula parece, então, ter o estatuto de um afixo, o que pode ser a causa da diferença de distribuição entre esta partícula e **cê**.² Ter-se-ia assim as seguintes estruturas, formadas antes de "Spell-out" (ver Chomsky (1995)) (vai-se utilizar, com valor notacional, a teoria X-barra):

- (16) a.... [_T nao_j [_T se_i [_T diz_w [_{Negp} t_j [_{vP} e_i t_w ...

- b. [_T cê_i [_T nao_j [_T viu_w [_{Negp} t_j [_{vP} t_i t_w ...

Com relação ao problema (iii), podemos talvez nos contentar, por enquanto, com a especulação de que esta estrutura concorre com outra ainda produtiva, a saber: **José te viu**, que, por assim dizer, impede sua ocorrência.

Vamos agora, finalmente, analisar a pertinência de nossa hipótese em relação aos dados (8-12). A agramaticalidade da presença de **çê** nestes ambientes pode ser explicada pela natureza átona desta partícula que não pode receber foco ou ênfase como em (9) e (10) nem receber o acento que caracteriza a entoação de uma construção de topicalização como em (8). A atonicidade deste elemento também impede sua realização como resposta a pergunta como em (11). E o que também explica sua não ocorrência em contextos tais que (12). Ora, trata-se do ambiente das formas oblíquas tônicas.³

*Quero agradecer a Jânia Ramos e ao parecerista anônimo desta revista pelas observações valiosas. As imperfeições que restam são de minha responsabilidade.

NOTAS

¹ No estado de Goiás, ocorre o seguinte fenômeno:

- (i) ê [le] besta (sô!).
“você é besta”

Em (i) o verbo *ser*, flexionado, é realizado pela vogal fechada [e]. Talvez este exemplo ilustre a quarta etapa do processo de gramaticalização apontado em (13), isto é, a etapa da afixação flexional.

² Havia a possibilidade, até o séc. XVIII, de um clítico se alocar numa posição antes da negação:

- (i) “... quesem estabelecimento o nao quer fazer ...”

(Documentos históricos do Espírito Santo, 1ª metade do século XVIII). (citado por Pagotto (1993:188))

³ O acento circunflexo em **çê** significa que a vogal é fechada e não tonicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNEY, S. *The English noun phrase in its sentential aspect*, tese de doutorado, MIT, 1987.
- CASTILHO, A. *A gramaticalização*, ms., USP, 1995.
- CINQUE, G., On si Constructions and the Theory of ARB, *Linguistic inquiry*, 19, 4, 521-581, 1988.
- CHOMSKY, N. Categories and transformations, ms., MIT, 1995a.
- _____, Bare Phrase Structure, in Webelhuth (ed.) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*, Blackwell, 1995b.
- _____, *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht, 1981.
- CYRINO, S., Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos, In: Roberts & Kato (orgs), 1993.
- DUARTE, I., Variação paramétrica e ordem dos clíticos, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, pp.158-76, 1986.
- DUARTE, M. E., *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*, tese de doutorado, UNICAMP, 1995.
- DUTRA, R., *A gramática do português oral: folha de exemplos*, ms. UFMG, 1991.
- FUKUI, N., *A theory of category projection and its applications*, tese de doutorado, MIT, 1996.
- GALVEZ, C., Enclise e próclise: geometria ou álgebra, morfologia ou sintaxe?, D.E.L.T.A., 6, 2, pp.255-72, 1990.
- GONÇALVES, V., *Aspectos da gramaticalização no português*, dissertação de mestrado, UFMG, 1987.
- HEINE, B, Hünemeyer, B. & Claudi, U., *Grammaticalization: a conceptual framework*, Chicago, The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P.& Traugott, E., *Grammaticalization*, Cambridge, CUP, 1993.
- KATO, M., *Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística*, ms., Congresso Internacional sobre o Português (Lisboa (1994)), 1994.
- KAYNE, R., The antisymmetry of syntax, ms., CUNY Graduate Center, 1993.
- LEHMANN, C., *Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch*, Köln, Arbeiten des kölnner Universalien-Projekts, Vol I, ms., 1982.
- LUCAS, R., *Perspectivas para uma nova abordagem da estrutura do SN em português*, dissertação de mestrado, UFMG, 1988.

- MATTOSO CÂMARA Jr., J., *História e estrutura da língua portuguesa*, Padrão, RJ, 1979.
- MEILLET, A., L'évolution des formes grammaticales, In Meillet 1958: *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris.
- NUNES, J., Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 20, 33-58, 1991.
- PAGOTTO, E., Clítico, mudança e seleção natural, In: Roberts & Kato (orgs), 1993.
- ROBERTS, I. & Kato, M. (orgs), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*, Editora da UNICAMP, 1993.
- ROUVERET, A., Cliticização e tempo em português europeu, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17, pp.9-37, 1989.
- SAID ALI, M., *Dificuldades da Língua Portuguesa*, Livraria Acadêmica, RJ, 1950.
- TARALLO, F., *Relativization strategies in brazilian portuguese*, Tese de doutorado, Universidade da Pensilvânia, 1983.